21RASTREANDO ASPECTOS GRAMATICAIS E SÓCIO HISTÓRICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM ANÚNCIOS DE JORNAIS DO SÉCULO XIX.

Autor: Maria Aparecida C. R. Torres Morais

1.0. *Palavras Iniciais*

Uma das dificuldades para quem está envolvido com estudos diacrônicos, em particular com a mudança sintática, é a da formação de um "corpus" que defina a documentação representativa, a qual expresse desde uma linguagem mais informal, geralmente veiculada em cartas particulares e narrativas pessoais, até a mais formal, ou elaborada, típica dos documentos oficiais e da produção de cunho literário.

Dificuldade maior ocorre quando se avança para estágios mais remotos da história de uma língua, pois não é sempre que se recuperam os manuscritos dos diferentes autores, apenas cópias tardias, as quais apresentam marcas da intervenção consciente por parte dos escribas e editores para corresponder a um padrão estabelecido. Muitas vezes, embora o pesquisador busque, com rigor filológico e lingüístico, escolher textos que sejam testemunhos fiéis da escrita de um autor, nem sempre isso é possível. Mais frustrante ainda é rastrear nos textos a língua falada em uma determinada época do passado, já que a escrita está comprometida com uma série de convenções e favorecimento de certas construções em detrimento de outras. Tomando emprestado as palavras de Lightfoot (1999), "*All we have are marks on a page, and those marks have often been edited and changed. Worse, they tell nothing about certain things.*" (p. 8).

Na tentativa de buscar aspectos gramaticais e sócio-históricos das variedades do PB, entendo que uma boa fonte para a organização de um corpus representativo surge com a chamada língua veicular, ou língua da imprensa. Os textos jornalísticos sacrificam, às vezes, o ideal de correção gramatical em favor de uma expressão direta em que se neutralizam os diferentes níveis de linguagem (cf.Pinto,1986). Vale ressaltar que, numa abordagem das características gerais dos grandes jornais do século XIX, na cidade de São Paulo, Schwarcz (1987) revela que estes apresentavam uma clara divisão na distribuição interna das matérias. Enquanto a primeira página, composta pela parte editorial e por folhetins românticos, apresentava-se mais organizada, as demais mostravam um conteúdo disposto de forma bastante aleatória, com matérias diversas aparentemente sem qualquer ordem ou homogeneidade.

Além disso, a autora observa que os anúncios versavam sobre os mais diversos temas, mostrando um predomínio numérico que se pode atribuir ao fato de que *"os jornais viviam principalmente da publicidade, organizando-se antes de tudo enquanto empresas comerciais*".(p.64) Havia uma política de vincular anúncios a assinantes uma vez que os mesmos tinham o direito de publicá-los gratuitamente. Importa ressaltar ainda a existência de variação quanto à linguagem utilizada nas diferentes seções, ora mais coloquial e séria, ora satírica, às vezes até pornográfica: "...o *que mais se destaca nesse tipo de material não é tanto seu aspecto visual, mas antes o contraste entre a linguagem utilizada no jornal como um todo e a dos anúncios. Nestes últimos aparece um discurso menos rígido, onde podemos observar mais facilmente ainda expressões e costumes da época. Como nos diz Gilberto Freire, trata-se de uma "linguagem à vontade", já que os anúncios na maioria das vezes eram redigidos por iletrados que buscavam vender seu produto ao anunciar seu escravo evadido, dando sempre seu " tom pessoal* "(p.133).[1]

---

[1]Pessoa (2001) discute em seu artigo "*Oralidade concepcional na imprensa do Recife no século XIX*" outros aspectos da linguagem dos anúncios, e afirma que os jornais que começam a circular no início do século XIX vão representar a grande revolução cultural do Brasil, ao lado do nascimento do Império.

Da mesma forma, não se pode pretender caracterizar a mudança lingüística sem a recuperação do passado sócio-histórico de uma comunidade de fala. No caso do português doBrasil (PB), isso se torna bastante relevante, uma vez que a realidade sociolingüística brasileira apresenta-se polarizada entre uma norma culta, definida a partir dos padrões de fala das classes média e alta, e uma norma popular, expressiva dos falares da classe baixa.(cf. Lucchesi, 2001) Em termos semelhantes, Mattos & Silva (2001) reconhece, em suas reflexões sobre a recuperação do passado do PB, a necessidade de se considerar que aquilo que entendemos por PB envolve o tanto o português popular como o português culto. Em particular, ambos os autores têm enfatizado que a recuperação do passado sociolingüístico do Brasil, desde os primeiros séculos da colonização, deverá revelar a importância dos negros africanos e de seus descendentes na formação e difusão do português popular brasileiro.

Nessa perspectiva é que pretendo analisar aspectos da linguagem dos anúncios de jornais do século XIX, organizados por Guedes & Berlinck (2000), considerando que estes permitem entrever fenômenos em variação, precursores das reanálises gramaticais que hoje caracterizam a variante brasileira em face da variante européia do português. Além disso, as matérias de que tratam os anúncios fornecem material para a recuperação de aspectos sociais, relevantes lingüisticamente.

Portanto, um dos objetivos deste artigo é destacar propriedades do sistema pronominal do PB, principalmente, a colocação dos pronomes átonos em construções com tópico. Outro objetivo é buscar algumas pistas reveladoras da situação sociolingüística dos escravos da época, através de observações sobre a sua fala e seus ofícios. A motivação para a tarefa é o reconhecimento do importante papel que a nossa população negra exerceu na variação dialetal do PB.

Por fim, o texto está voltado para a apresentação de algumas reflexões sobre a mudança lingüística com base na Teoria dos Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1986), num cenário que mostra a interação entre três fatores: variação, mudança e contato lingüístico. De modo especial, procurei selecionar alguns pontos da argumentação de Lightfoot (1997,1999) e Kroch (1989,1994,1999) que considerei esclarecedores para uma abordagem da história do PB.

Na visão de Lightfoot, o estudo da mudança sintática está relacionado a uma teoria da aquisição que associa os "dados lingüísticos primários" aos quais as crianças estão expostas na fase da aquisição da língua materna, e a gramática representada na mente dos falantes adultos. As mudanças decorrem da inter-relação de fatores acidentais e das restrições impostas pela faculdade da linguagem, também denominada Gramática Universal. Fatores acidentais afetam o ambiente lingüístico, tornando-o de algum modo distinto daquele da geração anterior: "*And language history is certanly contingent and subject to accidents of environmental influence and idiossincrasies. After all, the Latin spoken in Barcelona developed into Catalan, and the Latin spoken in Venice eventually became Venetian.*"(Lightfoot, 1999:264) As restrições, elaboradas em termos dos princípios e parâmetros definem as opções e direcionam a criança na avaliação dos dados. As explicações históricas decorrem, então, de uma teoria da aquisição. "*There is no principles of history, and, in this sense, history is an epiphenomenon.* "(Lightfoot, op.cit: 265)

Por seu lado, Kroch tem trabalhado com a suposição de que a variação que se observa nos dados durante o curso da mudança sintática desenrola-se entre opções gramaticalmente incompatíveis que se substituem no uso. A idéia de gramáticas em competição possibilita novas reflexões não apenas para a formulação de uma teoria da variação e mudança, como também para a teoria da aquisição e teoria da gramática. Em particular, coloca no cenário a questão do contato lingüístico.

2.0. *Aspectos gramaticais do PB*

Certas alterações no comportamento dos complementos pronominais clíticos têm revelado, de forma bastante expressiva, rumos distintos no desenvolvimento do PB. Na literatura recente, vários estudiosos têm demonstrado que, enquanto a variedade européia do português (PE) desenvolveu uma colocação enclítica dos

pronomes átonos com verbos finitos, nas sentenças declarativas, reduzindo a próclise a contextos sintáticos específicos, o PB tornou-se a mais proclítica das línguas românicas.[2] Do mesmo modo, aspectos das construções com tópico têm sido objeto de interesse por revelarem diferenças gramaticais entre o PE e PB. Portanto, meu objetivo nesta seção é apresentar uma tipologia dessas construções nas duas variedades do português moderno, com destaque para os fatos da colocação dos pronomes complementos.

2.1. *Construções com tópico no PE e a colocação dos pronomes clíticos*

Com base em diferenças de natureza sintática e discursiva, Duarte (1987) isola construções de tópicos marcados no PE atual. O critério para a elaboração da tipologia foi uma escala de gramaticalização que se estabelece entre o elemento topicalizado e a frase-comentário. Disso resultam as seguintes construções: (i) construção de Tópico Pendente (TP) (1a); (ii) construção de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente (DETP) (1b); Deslocação à Esquerda Clítica (DEC) (1c) e Topicalização (TOP) (1d-e):

(1) a. Bom...*praias*, adoro a Arrábica.
b. *O João* ...ouvi dizer que ele tinha ido passar férias a Honolulu.
c. Ao teu amigo, ainda não lhe pagaram os direitos de autor, pois não?
d. A esse político, podes crer que não dou o meu voto .
e. *Perfumes*, adoro.

Com relação aos aspectos sintáticos das construções de tópicos marcados, a autora mostra que a construção de TP apresenta o menor grau de gramaticalização. Nenhuma categoria vazia ou pronome pertencente à frase-comentário está conectada ao constituinte interpretado como tópico. O que se reconhece é um nexo semântico entre os dois elementos. No caso da construção DETP, há conectividade referencial e concordância de traços gramaticais de gênero e número, mas não de caso, entre o tópico e a expressão interna à frase. Essa expressão pode ser um pronome tônico, ou um epíteto. A DEC, por sua vez, define-se por apresentar uma identidade referencial, casual e temática entre o constituinte interpretado como tópico e o pronome clítico. Finalmente, a TOP caracteriza-se por expressar uma articulação tópico-comentário, apresentando, na frase associada, uma lacuna que seria ocupada pelo elemento topicalizado nas sentenças com a ordem direta.[3]

O conjunto das construções com tópicos inclui a frase declarativa com sujeito referencial pré-verbal, denominada construção de tópico não marcado. Repare que, nesse caso, o sujeito toma parte em duas relações distintas: a primeira, que se estabelece entre o tópico e a frase associada; a segunda, entre o sujeito e o próprio predicado.[4] Estudos

---

[2]Para um estudo da colocação pronominal na história do português, cf. entre outros: Salvi (1990); Cyrino (1993); Pagotto (1993); Martins (1994); Ribeiro (1995a); Torres-Morais (1995).

[3]As construções de DEC, entretanto, não são homogêneas, ou seja, variam conforme a natureza do constituinte topicalizado, que pode ser um sintagma preposicionado ou sintagma nominal . Essa variação e as diferenças que a DEC apresenta em relação à TOP levam Raposo (1996, 1998a) a uma análise unificada das construções com elementos referenciais topicalizados e à busca de uma teoria universal para descrever suas propriedades.

[4] Se o sujeito pré-verbal é um dos constituintes da estrutura sentencial que está envolvido com a interpretação "tópico", tem-se a possibilidade lógica de duas análises alternativas para a estrutura SVO. A primeira, defendida por Benincà (1995), Salvi (1992), Barbosa (1995), Raposo (1994), Martins (1994) e outros, considera que o sujeito tópico no PE está em uma categoria funcional na periferia esquerda da frase, em termos de Rizzi (1997). A segunda análise, proposta por Duarte (1997), Costa (1998) e outros, analisa o sujeito tópico como um elemento que ocupa uma posição estrutural interna à frase. Para uma discussão relevante, cf. Zubizarreta (1999). Para um estudo da ordem das palavras no PE, cf. Âmbar (1992).

comparativos das línguas românicas mostraram que um dos fatos mais notáveis do PE no que diz respeito a essas sentenças é a ênclise categórica dos pronomes átonos.

(2) a. O José vendeu-me o piano.
b. *O José me vendeu o piano.

Da mesma forma, a TOP e a DEC são contextos de ênclise, como mostram os exemplos abaixo.

(3) a. *Esse livro*, a Maria deu-me/*me deu no Ano Novo.
b. Esse livro, a Maria emprestou-o/*o emprestou por uma semana.

O mesmo vale para as construções com topicalização de complementos/adjuntos oblíquos e advérbios sentenciais de tempo e lugar, ou seja, é categórica a colocação enclítica dos pronomes átonos.

(4) a. *Sobre a falsidade de sua amiga* o José escreveu-me/* me escreveu várias vezes.
b. *Ontem* encontrei-o / *o encontrei no cinema.
c. *No dia do seu aniversário* dei-lhe/ *lhe dei as flores.

Finalmente, a autora isola a construção de Focalização (FOC), a partir de um conjunto de propriedades sintáticas, pragmáticas e prosódicas que a distinguem da TOP e da DEC. Vou mencionar duas dessas propriedades. Uma delas, diz respeito à natureza dos elementos que aparecem em posição inicial. Estes podem ser ou sintagmas modificados por expressões de foco como só, apenas; ou advérbios aspectuais, como ainda, já, também, sempre; ou palavras negativas como ninguém, nada, nenhum; ou indefinidos como alguém, algo. A outra refere-se à colocação dos pronomes átonos complementos. Ao contrário do que ocorre na TOP, na DEC e nas construções de tópico não marcado, que são contextos de ênclise obrigatória, a próclise é aqui a única possibilidade:[5]

(5) a. *Só o José* sabe tocar guitarra elétrica.
b. *Alguma coisa* fizeram para ganhar o prêmio.
c *Até o novo carro* lhe emprestei/ *emprestei-lhe este ano.

Os elementos em posição inicial na FOC pertencem ao conjunto dos quantificadores, ou seja, dos "operadores afetivos", como os denomina Raposo (1994), com base nos traços interrogativo, foco, ênfase. Quanto à colocação dos pronomes átonos, a FOC alinha-se entre as construções interrogativas, subordinadas completivas e adverbiais, relativas, negativas, isto é, nos contextos de próclise categórica no PE.

2.2. *Construções com tópicos no PB e os pronomes clíticos*

Pontes (1987) é um conjunto de artigos em que se destacam aspectos gramaticais do PB coloquial. Os informantes são professores e alunos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Com essa pesquisa a autora faz uma importante contribuição ao destacar, nos dados, a presença marcante da construção com "duplo sujeito",assim definida por apresentar um constituinte na margem esquerda da frase,

[5] Naturalmente, estas restrições só valem se o elemento que ativa a próclise estiver em posição pré-verbal. A sentença abaixo, por exemplo, mostra a colocação enclítica do pronome átono.

O José serviu - me apenas o vinho branco.

retomado na sentença associada por um pronome co-referente, denominado “pronome-cópia”.

(6) a. *Os livros*, eles estão em cima da mesa.
b. Eu acho que *essa brincadeira*, ela vai revelar...

Embora pouco produzida na língua escrita, a construção com duplo sujeito, também conhecida como deslocada à esquerda (DE), apresenta alta produtividade na língua falada.

Ao trabalho pioneiro de Pontes, seguiram–se vários outros que revelaram novas faces da construção. Duarte (1995) mostra que o sintagma retomado não parece apresentar restrições de natureza semântica, ou seja, pode ser interpretado como específico ou genérico, expressar referência definida ou arbitrária e, se pronominal, ocorrer em todas as pessoas gramaticais. A autora argumenta que as propriedades da construção com duplo sujeito decorrem de importantes mudanças no sistema pronominal do PB. “*O aparecimento da construção com duplo sujeito e sua implementação no sistema não é uma mudança acidental; pelo contrário, é conseqüência da mudança na representação do sujeito pronominal.*”(Duarte, 1995:102) De fato, como a construção parece não ser produtiva no PE, nem mesmo na oralidade, o redobro de um sintagma nominal ou pronominal, no campo inicial da frase, por um pronome nominativo, exemplifica um tipo de reanálise gramatical que caracteriza hoje a fala culta brasileira.[6]

Pontes observa ainda que, além de construções canônicas, com topicalização de objeto direto (7a), são produtivas na oralidade as construções em que se estabelece um quadro de referência espacial ou temporal, envolvendo a topicalização de advérbios temporais ou locativos sem o uso da preposição (7b-c). Do mesmo modo, objetos oblíquos (7d-e), adjuntos e complementos nominais (7f-g) apresentam apagamento da preposição quando topicalizados: [7]

(7) a. Leite eu não vou comprar.
b. A casa onde mora a Betânia tá todo mundo com sarna.
c. Próxima vez a gente bota uma linha de pesquisa.
d. Meu cabelo desta vez eu não gostei nem um pouco.
e. Feijão eu não gosto.
f. Esse negócio o prazo acaba.
g. Isso aí eu tenho dúvida.

A ausência da preposição é ainda uma possibilidade em construções com tópicos genitivos, na presença de verbos intransitivos/ergativos.

(8) a. Essa casa bate bastante sol.
b. A belina deita o banco, sabe?
c. O meu carro furou o pneu.
d. O Carlos André cresceu o nariz.
e. A Sarinha tá nascendo dente.

Realizações de tal natureza levam a autora a afirmar que “*Quando se começa a*

---

[6]Para uma proposta de análise das DEs cf. Galves (1993), e vários outros trabalhos que têm sido escritos com base em dados do PB culto falado. (Projeto NURC)

[7]Para um estudo das construções de tópico no PB numa reflexão funcionalista, cf. Braga (1992). A autora trabalha com três variáveis que condicionam a ocorrência das construções no discurso semi-coloquial oral.

observar a língua coloquial espontânea no uso diário, fica-se surpreso com a quantidade de vezes em que ocorrem construções com tópico. Não só elas são abundantes em freqüência como em variedades de tipos". (p.12) Nesse ponto, é importante ressaltar que as construções exemplificadas em (1-5) também são produzidas no PB. O que as particulariza é a colocação dos pronomes átonos, ou a sua ausência. Além disso, como mencionado anteriormente, construções como (6a-b) não são produzidas no PE.

Por outro lado, segundo Duarte (1997), é produtiva no PE a topicalização de constituintes sem conectividade casual ou categorial, típicas da oralidade, nos moldes do que se viu acima.(7-8) As variedades brasileira e européia se diferenciam, porém, pelo fato de existirem restrições quanto ao que pode ser suprimido: no PE, a preposição não realizada lexicalmente é um mero marcador de caso; no PB, ao contrário, a supressão atinge as preposições que são semanticamente plenas. Assim, segundo a autora, sentenças como (9a-b) são gramaticais no PE, enquanto (9c-d) são agramaticais:

(9) a. Essa cerveja eu não gosto.
b. Esse relatório creio que não precisamos para a reunião de hoje.
c. *Isso eu tenho uma porção de exemplos.
d. *O seu regime entra muito laticínio.[8]

Portanto, as observações de Duarte permitem-nos reconhecer um outro aspecto gramatical que diferencia o PB e o PE nas construções com tópico.[9]

O mais importante a destacar, porém, é a idéia de que o comportamento dos clíticos com verbos finitos no PB pode estar associado à ausência da distinção entre elementos referenciais e operadores no condicionamento da próclise e ênclise. Da mesma forma, a

---

[8]Na verdade, existem diferenças na produtividade da TOP e DEC. Num trabalho de cunho comparativo, Vasco (1999) investiga construções de tópico na língua falada nas variedades brasileira e européia, constatando a implementação das construções de sujeito duplo com pronome resumptivo lexical no PB, a maioria (87%), em sentenças principais com sintagmas nominais definidos. A DEC de objeto direto (OD) não foi encontrada no corpus do PB, confirmando a preferência pelo apagamento do objeto clítico acusativo de terceira pessoa. No PE, ao contrário, 70% das ocorrências mostra a DEC de OD. Por seu lado, a construção de duplo sujeito no PE ficou restrita a casos em que ao retomada do tópico é realizada por pronomes demonstrativos como *esse, este,* etc. Nesses termos, confirma-se a manutenção dos clíticos e sujeito nulo na variedade européia e ausência de DE de sujeito. Quanto à TOP, o PB apresenta um maior número de TOP de OD que o PE. Finalmente, no caso de TOP de complementos de objeto indireto, observa-se que no PE os elementos fronteados são retomados por clíticos e, no PB, sem os clíticos.

O autor ainda confirma em sua amostra a ausência da realização da preposição no oblíquo topicalizado. No PB, em um total de 33 ocorrências de tópicos preposicionados, 24% aparece com preposição e 76% sem preposição. No PE há um equilíbrio de 50%. Vejamos alguns dos seus exemplos:

(i).“ ...do São José eu gostava muito___”(PB)
(ii).“...porque dos outros já não há mais nada a esperar__” (PE)
(iii) “Eu nunca tinha entrado num chinês, o japonês já tinha entrado____”(PB)
(iv).“...essa percebe-se um pedaço na primeira parte___”(PE)

Registra-se também a opção nos textos literários :

(i). Aquela mina de ouro, ela não ia deixar que outras espertas botassem a mão ---(Lins do Rego).
(ii).Os que acompanhavam o enterro, apenas dois –o faziam por estima à finada : eram Luis Patrício e Valadares. (Machado de Assis.)

Para um estudo do sistema pronominal no PB, cf. Ilari & alii (1996). Para uma análise minimalista das diferenças do sistema pronominal do PB e PE, cf. Raposo (1998b).

[9] Vale mencionar ainda que vários estudos sobre o PB, particularmente de orientação gerativista/variacionista, têm mostrado que as particularidades que se observam nas construções de tópico na variante brasileira, fazem parte de um conjunto maior de reanálises. Cf. Galves (1997); Figueiredo Silva (1994); Negrão (1999).

omissão de preposições plenas na topicalização dos sintagmas preposicionados, o uso dos pronomes nominativos ele, ela como acusativos, o uso do lhe dativo como pronome de segunda pessoa, evidenciam mudanças no sistema casual do PB. Por fim, vale mencionar a baixa produtividade dos clíticos acusativos e dativos de terceira pessoa no PB coloquial, em oposição à língua escrita. Em particular, sabe-se a forma acusativa entra no uso lingüístico dos falantes através do ensino formal e não durante o processo de aquisição da linguagem. Nas palavras de Galves (1998)...” *il ne fait plus partie de la grammaire “ noyau”, resultat de la fixation de la grammaire par l’enfant en situation naturelle d’aprendissage, mais de la periphérie acquise en situation formelle.*” (p.4)[10]

A seguir apresento uma análise qualitativa das construções com tópicos, coletadas em jornais do século XIX, buscando caracterizar uma tipologia nos moldes de Duarte (1987) e Pontes (1987). Destaco a variação na colocação dos pronomes complementos. Além disso, chamo a atenção para alguns aspectos gramaticais inovadores relacionados ao sistema pronominal.

2.3. *Os anúncios*[11]

2.3.1. *As construções com tópico e o sistema pronominal.*

Primeiramente vou destacar as construções de DEC com fronteamento de OD e OI (10a-d). O que observei é que a ênclise e a próclise co-ocorrem nesses contextos. A variação é importante porque revela que o padrão proclítico que hoje caracteriza a construção no PB, em oposição ao PE, já se manifesta na linguagem oitocentista dos anúncios. Além disso, como foi dito acima (cf. nota 2), a DEC no PB atual é pouco produtiva, uma vez que os clíticos de terceira pessoa que retomam o elemento topicalizado estão praticamente ausentes da língua falada.

(10) a. Ao Coronel Ignacio de Sá da Villa de Coriba lhe fugio um escravo preto, de nome João... (SP-1828)

b. A Felippa Maria, fugio lhe uma escrava de nome Marcelina, criôla fula, rosto comprido e.puxado... (SP-1830)

c. Esta falta vem preenche-la um afamado empreiteiro e constructor de obras... (SP-1889)

d.As fazendas da fatura passada vende-as salvando sómente as despezas para em breve mandar vir outro novo sortimento do Rio.(Campinas-1870)

2.3.2. Na TOP com fronteamento de oblíquos, a variação próclise e ênclise manifesta-se igualmente, embora a próclise seja mais saliente. Lembre-se que no PE moderno, a ênclise é categórica nas construções com tópico, na ausência dos “ativadores de próclise”.

[10] Câmara Jr (1975) observa: “Na língua coloquial do Brasil, mesmo nas classes escolarizadas, esse subsistema de 3ª pessoa foi profundamente remodelado.”p.101. Mais adiante completa: “A língua escrita, porém, e a língua oral formalística mantêm em pleno vigor o sistema tradicional.”p.101. Citando a si mesmo o autor acrescenta do sistema de 3ª pessoa: ”Aí se patenteia uma cisão entre a língua escrita e a língua falada, sem qualquer perspectiva de compromisso. O Brasileiro mais ou menos educado, quando escreve, passa espontaneamente para outra posição em face da morfologia de *ele* e emprega com toda a naturalidade as formas de acusativo *o,a, os, as,* que particularmente aboliu da sua linguagem coloquial. “ p. 101

[11] Os anúncios são dos jornais do Estado de São Paulo e capital. Por razões de espaço, apresentam-se apenas trechos dos mesmos, suficientes para ilustrar o fenômeno gramatical mencionado.

(11) a. Na casa de Manoel de Aguirra Camargo em Ytú bairro Capivarí de cima se acha um negro boçal, (SP-1828)

b. Na loja da rua do Rozario Caza número 37 se vende rapé princeza de suprior qualidade chegado ultimamente de Lisboa ao Rio de Janeiro... (SP-1830)

c. Pelo Juizo de Paz da Villa de Ytapetininga se faz publico, que na Cadêa da dicta Villa se achão recolhidos á ordem do mesmo juizo quatro escravos novos, ainda muito boçaes... (SP-1829)

d. Em poder do subdelegado da freguezia| do Outeiro Redondo se acha um cavallo | russo caldão, com 6 palmos de altura...(SP-1829)

e. Hontem pela manhãa se me enviou um negro do gentio de Guinè, muito boçal, e trajado à maneira dos que vem em comboi... (SP-1830)

f. No destricto da Villa de S. Sebastião na estrada, que segue para serra acima, longe da praia meia legua acha-se um sitio... (SP-1828)

g. Na rua do Rosario casa número 22 faz-se tincta de lustre para calçado, muito bôa e com a particularidade de conservar o couro sempre macio...(SP-1828)

Um outro aspecto gramatical que se manifestou nos anúncios é o do emprego da preposição a na introdução dos complementos dativos com papel temático origem. Esses argumentos são selecionados por verbos como fugir, desaparecer, comprar. A preposição a é pouco freqüente no PB atual nesses contextos**,** uma vez que foi substituída pela preposição de. Entretanto, os anúncios mostram que o fenômeno está em variação: a preposição a introduzindo constituintes com o traço [+animado] co-ocorre com a preposição de (12e-f). O interessante é que o dativo lhe redobra um constituinte introduzido pela preposição de (12f).

(12) a. A Antonio José de Babo Broxado morador na Villa de Ytú, fugio ha quasi um anno um negro crioulo de idade de 50 annos (SP-1828)

b. //Ao Tenente Luiz Francisco da Costa,| morador no Rio de Janeiro, na rua de São| Francisco de Paula número 90, desappareceo| sem motivo algum no 1º. de Julho do cor-|rente anno, um seo escravo ladino de no-|me Francisco. (SP-1828)

c. À PRAÇA|Eu abaixo assignado declaro que comprei ao senhor Joaquim Machado de Lemos,|livre e desembaraçado de qualquer onus, o seu armazem de seccos e molhados,|sito à rua do Seminario numero 8. Luiz Turri.(SP-1879)

d**.** //Do Ouvidor interino desta Cidade Rodrigo| Antonio Monteiro de Barros fugiu um escravo de| nome Manoel... (SP-1828

e. Ao Coronel José Pedro Galvão há mais de anno fugio-lhe uma preta de nação, de nome Maria ...(SP-1828)

f. Do Alferes José Fernandes fugio-lhe a 5 mezes uma mulata escura de nome Joaquina...(SP- 1829)

Uma hipótese para a variação no emprego das preposições pode ser formulada nos seguintes termos: a interpretação do argumento origem, associado às preposições a e de, produziu uma competição entre as duas formas, a qual se resolveu com a perda da preposição a. Ou, pode se supor que a reanálise tenha resultado de uma generalização no emprego da preposição de, dos contextos possessivos para os contextos dativos. De fato, a sentença (13a) abaixo é ambígua: em uma das interpretações, o sintagma preposicionado é o argumento origem; na outra, é parte do sintagma nominal objeto direto, *um escravo*, expressando a posse. Esta ambigüidade já não caracteriza a estrutura exemplificada em (13b), onde a relação é unicamente de posse.[12]

(13) a. Pela Pascoa fugio um escravo de Dona Angela| viuva do falecido Francisco de Barros Lima na Vil-|la de Sanctos... (SP-1828)
b. //Em dias da Semana passada perdeu um preto| do Capitão Francisco Antonio de Oliveira um em-|brulho com uma mantilha e um vestido de gazimira| preta... (SP-1829)

A preposição de ainda introduz sintagmas preposicionados locativos com o significado de movimento/origem, e traço [-animado]:

(14) a. No dia 28 de Fevereiro próximo passado fugirão da Padaria| Franceza (Rua Direita, número 47 de Claudio Legons-|sat dois escravos de nação moçambique... (SP-1829)
b. No dia 6 do corrente Março fugio d'esta Ci-|dade um cabra de nome Pedro... (SP- 1829)

2.3.3. Da mesma forma, as construções com tópicos não marcados, ou seja, com sujeito lexical ou pronominal em posição pré-verbal nas sentenças declarativas com verbo finito, apresentam variação próclise/ênclise. No entanto, pude observar, mesmo sem o rigor de uma análise quantitativa, que a ênclise foi mais saliente, ficando a próclise mais produtiva na presença do sujeito pronominal.

(15) a. |Este conhecido especifico, há muito usado, dispensa-nos de qualquer recomendação. (Campinas –1870)
b. Olhe Nenê!!|Eu garanto-lhe que lá não tem|tranças de imitação!!é tudo|de cabellos finissimos... (SP-1879)
c. ... elle os tem agradado, e inculca-|do para que seu dono os procure, com certesa, de| que é o proprio; porisso faz pùblico por esta im-|prensa...(SP-1830)

2.3.4. No entanto, a ocorrência da ênclise nos contextos de "operadores afetivos" é que, definitivamente, revela um traço típico da gramática do PB, no que diz respeito à colocação dos clíticos. Vejamos alguns casos.

(16) a. VENDE-SE / Uma carroça e burro arreado, por preço barato. Tambem vende-se duas pipas vazias para pinga./ Para tratar com I. de Mesquita. / (emfrente aos Inglezes). (SP-1898)

---

[12] No PE a preposição a e de não co-ocorrem na expressão de origem ou fonte:

(i) A Ana tirou o livro ao amigo/*do amigo.
(ii) O Luís comprou o carro ao João/*do João.
(iii) Ele comprou as rosas à florista/*da florista.

A posse pode ser expressa em sentenças ambíguas entre as duas leituras.

(iv) Cortar as folhas às árvores.

No entanto, apenas a expressão de posse é possível na presença da preposição de :

(v) Cortou as folhas das árvores.

b. No mesmo estabelecimento, recebe-se encommendas de colchões, cortinados, com as respectivas cupulas, satisfazendo todo e qualquer encommenda de mobilia.(Campinas-1874)

c. Madame. M. Catharina Ferard, tem/igualmente a honra de participar ao/respeitavel publico que ella occupa-se de/costuras e de modas tambem mediante/preços rasoaveis. (SP-1853)

d. Hotel Paulistano/Rua de S. Bento número.55/Adolfo Dusser tem a honra de par-/ticipar ao respeitavel publico que ficou-se /com o Hotel Paulistano. (SP-1853)

e. De ordem do Senhor Administrador se faz pu-/blico que acha-se creada na freguezia de San-/ta Branca uma agencia do correio. (SP-1854)

f. As apreciações da imprensa d'esta côrte, cuja critica tem-se referido á exhibição de cada opera dispensa elogio aos artistas. (SP-1879)

2.3.5. A face mais coloquial dos anúncios propiciou também o aparecimento de um tipo de topicalização com verbos transitivos e inacusativos. Os elementos fronteados co-ocorrem com o pronome se. A ausência de concordância desses constituintes com o verbo evidencia um uso do se como nominativo, ou indeterminador. Note-se que a colocação enclítica dos pronomes foi muito produtiva nesses casos.

(17) a. PILULAS DE CONSTIPAÇÃO/Do Doutor Betoldi/ Vende-se em caixinhas e em vidros grandes e pequenos aos preços de 1$000, 2$000... (SP-1879)

b. SEMENTES NOVAS / De / HORTALIÇAS / Sementes novas de hortaliças ultimamente chegadas da Europa, acha-se á venda em casa de Henrique Fox, rua da Imperatriz n. 6, preço 200 r .(SP-1879)

c. Carne secca, Queijos e Assucar Vende-se na casa do Sampaio, no pateo do Rosario, por preços muito commodos.(Campinas-1870)

d. //CARTAS DE ENTERRO| Aprompta se em duas horas n'esta typographia. (Piracicaba-1882)

e. // Programmas manda-se, a pedido, para qualquer ponto da provincia. (SP-1870).

f. Aguardente de Primeira Qualidade| Sem agua-Pura e na ponta!|Vende-se na casa de Luiz Batteli.|Rua de Santa Cruz número 93.| (SP-1899

g. //Folhinhas Eclesiasticas para o anno de|1854 continuão-se a vender na mesma ca-|za. Do Senhor Lourenço Domingues martins,|rua do Rozario número 9, preço 1$000réis. (SP-1893)

As construções com adjuntos locativos em posição inicial são similares às anteriores, mas mostram o complemento tanto em posição pré-verbal como pós-verbal. Além disso, apresentam variação próclise e ênclise na colocação do se e a concordância variável do verbo com o sintagma nominal pós-verbal. Novamente, são violadas as regras prescritivas de concordância obrigatória.[13]

(18) a. Em prataria encontra-se os objectos mais variados e proprios|para presentes, desde a mais elegante bombonière até o mais rico serviço de|café. (SP-1889}

---

[13] Cf. Nunes (1990). O autor faz um estudo diacrônico do se e mostra a mudança do uso apassivador para indeterminador do sujeito, nas sentenças com verbos transitivos na 3ª pessoa do singular. Com base em um corpus constituído de entrevistas e cartas pessoais, vê-se que, enquanto no século XIX as passivas pronominais com concordância superam as passivas sem concordância, estas tornam–se a forma canônica no século XX (84%). O sintagma nominal posposto passa a ser interpretado como objeto direto e não mais como sujeito. Vê-se ainda que, enquanto no PB, a mudança está implementada, relegando-se a forma com concordância à escrita formal, no dialeto europeu as formas variantes estão aparentemente estáveis, atingindo o percentual de 72% para os casos com concordância. Lembramos que *a famigerada questão do Alugam-se casas/Aluga-se casas,* ou seja, entre passiva pronominal e ativa de sujeito indeterminado foi exemplarmente discutida por Said Ali (1965). Segundo o autor, a concordância nesses casos é mera servidão gramatical ou falsa concordância, porque só é obedecida no padrão culto escrito. Além disso, ambas apresentam o mesmo significado, portanto, devem ser analisadas como ativas de sujeito indeterminado.

b. Neste bem montado estabelecimento se amola ferros cortantes como sejam: navalhas, thesouras, canivetes, facas, lancetas e outros instrumentos cirurgicos.(Campinas – 1872)

c. //Pirapóra| Na casa envidraçada junto á ponte se achará sempre café, refrescos e petiscos feitos com esmero e aceio, para o que se chama a attenção dos senhores romeiros. A casa pertence a um Campineiro. (Campinas-1870)

d. //ANIMAES Á VENDA|Na coudellaria do Carvalho vendem-se 5 cavallos de montaria, dos quaes, 1 manso de carro, trabalhando também só.|Para tratar com o administrador Alberto Asmuth.(SP-1879)

A variação ocorre ainda com o verbo em posição inicial absoluta e sintagma nominal pós-verbal. Foram selecionados apenas os casos sem concordância.

(19) a. //VENDE-SE|Seis casas todas unidas; vende-se juntas ou separadas. Para informações na rua Sete de Abril número 15.(SP-1879)

b. //COMPRA-SE| moveis usados e tudo que fôr concernente a uma casa de familia, na rua do Principe número 14.(SP-1879)

c. Concerta-se e faz-se sellins e tudo que esta comprehendido n'esta ordem de trabalho... (Piracicaba –1883)

.

2.3.6**.** Da mesma forma, aspectos da linguagem coloquial manifestam-se nas construções em que a relação entre o elemento topicalizado e a expressão associada é puramente semântica.

(20) a. //Typographos||Precisa-se de dous bons enchedores de linhas.| Trata-se nesta officina. (Campinas-1897

b. //BOM EMPREGO DE CAPITAL|Vende-se duas moradas de casas, em Santa Iphigenia, sendo uma para negocio e familia e outra só para familia...(SP-1879)

c. Pedreiros. Paga-se bom jornal na ESTAÇÃO. (Campinas-1872)

d. //Rua do Commercio número 14.|Comprão-se escravos de|ambos os sexos. (SP-1854)

e. Costureira| Maria Stefhania offerece-se para apromptar com perfeição roupas de Senhoras e homens.|Rua 2, casa número 160. (Araraquara-1899)

2.3.7. A realização anafórica dos pronomes tônicos elle/ella com interpretação enfática ou contrastiva e antecedente [+ animado] (21a- b), revela uma propriedade comum entre o PE e PB. No entanto, as sentenças em (21c-d) podem estar refletindo um aspecto inovador do PB, resultante da perda da propriedade de sujeito nulo, que é o uso anafórico do pronome de 3ª pessoa, sem uma aparente interpretação contrastiva ou enfática. Como se sabe, no PE o pronome anafórico de 3ª pessoa nas subordinadas é nulo fonologicamente nos contextos neutros.

(21) a. //É inutil |Com o Carneiro ninguém póde competir, porque elle vende|Chitas largas a 240 réis o covado.|Ditas estreitas a 100 réis o covado.|Peças d'algodãosinho a 800 réis.(Campinas-1870)

b. //João Francisco Espingardeiro de Paris, aviza| ao Respeitavel Público d'esta Cidade, que elle tem| um sortimento de espingardas de um novo systema| chamado Pistão cuja superioridade é incontestavel a| respeito das de pedra. (SP-1828)

c. José Antonio Soares de Campos, morador no Rio-Grande na es-|trada que segue para a Cidade de Santos, faz publico que elle con-|tinua, da mesma forma como no tempo de seu fallecido sogro Anto-|nio Xavier de Lima... (SP-1841)

d. As uvas de que se faz esta tintura são de diversas côres e qualidades de modo que ella póde ser empregada para modificar o vinho de qualquer fórma que se queira ... (Campinas –1872)

2.3.8. Por outro lado, encontram-se nos anúncios aspectos gramaticais conservadores, os quais se revelam no uso de formas do sistema preposicional e pronominal. São formas que, embora ativas no PE falado e escrito, não o são no PB atual. Um exemplo é o da realização da preposição a na introdução dos complementos dativos. Sabe-se que no PB coloquial, e na modalidade escrita menos formal, a preposição para tende a substituir a preposição a na presença de verbos ditransitivos que expressam transferência ou movimento. O objeto indireto, nesses casos, é interpretado como meta ou alvo.[14]

Outro aspecto conservador é o da presença do clítico lhe nos contextos dativos e possessivos, como nos exemplos em (22). Foi baixíssima a ocorrência das formas a+elle/ella em lugar do lhe em posição pós-verbal.(22e) No PB atual, porém, a substituição do lhe pela forma oblíqua do pronome com os verbos ditransitivos é muito produtiva na fala e escrita dos brasileiros. O mesmo não se pode afirmar do PE.[15]

(22) a.... quem intentar dirija se ao mesmo| dono, que promete hir mostrar lhe tudo, e ahi se| lembrarão o preço, que será comodo.(SP-1892)

b. ...acconteceu enfermar n'aquella| Villa, donde lhe é forçoso embarcar já para o seu| destino, sem que possa primeiro vir a esta Cidade:| em taes circunstancias agradece por esta maneira, a| unica que lhe é possivel os obsequios que recebeu, e o| interesse que por sua pessoa tomarão os Senhores de São| Paulo, e offerece a sua boa vontade para servir aos| seus amigos que lhe fizerem a honra de o occupar| n'aquella Provincia. (SP-830)

c. ... limpa e chumba os dentes cariados, cauterisando-os com antecedencia afim de tirar-lhes toda a sensibilidade nervosa, tira os defeitos provenientes de uma má regularidade desses orgãos… (Campinas-1870)

d. Aos nossos assignantes e amigos damos as bôas festas e desejamos-lhes todas as penturas possiveis no anno novo.(Araraquara-1899)

e. ... como tãobem ordens, letras,| creditos, e tudo mais, que pertence ao ca-|sal como tão bem adverte aos devedores| do casal para que não paguem a elle quan-|tia alguma que se achem a dever sem au-|diencia da mesma Annunciante. (SP-1830)

O lado mais formal dos anúncios manifesta-se também no emprego de formas duplas dos pronomes dativo+acusativo(mo, to, lho, etc) e na forma se-lhe. Ora, é um fato reconhecido até mesmo pelos gramáticos tradicionais que tais usos estão praticamente ausentes no PB, inclusive na variante culta:

---

[14]Para um estudo do complemento objeto indireto nos contextos de variação e mudança no PB, cf. Berlinck (2000).

[15] Cf. Câmara Jr. 1975, cap. XI.

(23) a. O annunciante gratifica a quem o prender e lh'o entregar ou pozer na cadêa desta cidade... (Campinas –1870)

b. ....roga-se á pessôa que| a achasse, o abzequio de a entregar n'es-|ta Typographia, onde se-lhe-dará as al-|viçaras. (SP-1829)

c. Este mesmo escravo já esteve pre-|zo e foi castigado por se lhe encontrar [objectos de venenos]| (SP-1841)

Entretanto, não foi possível entrever na linguagem dos anúncios certas propriedades do PB, em particular, as construções com duplo sujeito (DE) e o uso da forma ele e você como objeto direto. Duas hipóteses podem ser consideradas com relação ao último fato: ou a reanálise dos pronomes ele e você, decorrente da perda da distinção casual, ainda não tinha ocorrido, ou esse emprego não se manifesta nos dados por força do monitoramento prescritivo. Se for este o caso, fica evidente, mais uma vez, que o fator prescritivo dificulta uma datação mais correta do percurso das mudanças gramaticais e uma caracterização mais precisa do período de variação.

Antes de concluir essa seção, gostaria de lembrar que é sempre possível recuperar traços gramaticais do PB, distintos do PE, em outros tipos de textos, entre eles, traduções de obras literárias e versões da Bíblia. Para efeitos de ilustração, vejamos alguns exemplos do estudo de Martins (1998), comparando as traduções para o PE e PB da obra de Gabriel G. Marques "Cem Anos de Solidão". Estão presentes na tradução para o PB, vários aspectos gramaticais inovadores, entre eles, ausência da forma se-lhe (24); próclise com sujeito referencial lexical e pronominal (25); substituição dos clíticos dativos pelas formas oblíquas (26, 27, 28); ênclise em contextos de negação (29); próclise ao verbo principal nas locuções verbais (30); apagamento dos clíticos (31); realização do sujeito pronominal (32);clíticos em posição inicial absoluta (33).

(24) a.Hasta que los ojos se le humedecieron.
b. Até que seus olhos se lhe umedeceram. (trad.PE)
c. Até que seus olhos se umedeceram. (trad. PB)

(25) a. A morte seguia-o por todo lado. (trad.PE)
b. A morte o seguia por todas as partes. (trad. PB)
c. e ele respondeu-lhe. (trad.PE)
d. ele lhe respondeu. (trad. PB)

(26) a. E demonstrou-lhes. (trad.PE)
b. E demonstrou a eles. (trad. PB)

(27) a. Trouxe-te um revólver . (trad.PE)
b. Trouxe um revólver para você. (trad. PB)

(28) a. y le dejó además unos mapas portugueses.
b. e deixou-lhe também uns mapas portugueses. (trad.PE)
c. e deixou para ele também uns mapas portugueses. (trad. PB)

(29) a. Para no perderlos en el tumulto.
b. Para não os perder no tumulto. (trad.PE)
c. Para não perdê-los no tumulto. (trad. PB)

(30) a. Porque uma coisa lhe quero dizer. (trad.PE)
b. Porque uma coisa eu quero lhe dizer. (trad. PB)

(31) a Vamos mostrar-lhes a prova. (trad. PE)
b. Vamos mostrar a prova. (trad. PB)
c. Não vou casar com ninguém –disse-lhe – mas contigo ainda menos. (trad.PE)
d. Não vou me casar com ninguém –disse- e ainda menos com você. (trad. PB)

(32) a Reconheço-o –disse. Usará o meu nome. (trad.PE)
b. Eu reconheço. Disse. Terá o meu nome. (trad. PB)

(33) a Mandaram-me entrar. (trad.PE)
b. Me fizeram entrar. (trad. PB)

Quanto ao texto bíblico**,** este pode ser apresentado em diferentes versões: algumas delas expressam aspectos gramaticais do PB; outras, do PE, diferenciando-se ainda quanto ao estilo, ou no emprego de uma linguagem mais elaborada, ou literária. Os exemplos abaixo do *Gênesis* tiveram como base: (i) uma versão mais próxima ao PE, onde se destaca o emprego categórico do verbo haver nas existenciais, o imperativo, a harmonia pronominal, além de um vocabulário mais elaborado, e recursos discursivos distintos; (ii) uma versão com aspectos da gramática do PB em que aparecem, entre outros, a colocação proclítica dos pronomes, o emprego dos oblíquos em lugar do clíticos, o apagamento dos pronomes complementos, a preferência pela preposição para nos contextos dativos, o preenchimento do sujeito lexical e pronominal.[16]

(34) 3. Deus disse: “ Haja luz” e houve luz.
3. Deus disse: “Que exista a luz!”

9. Deus disse: ”Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só massa e que apareça o continente” e assim se fez.

9. Deus disse: ”Que as águas que estão debaixo do céu se ajuntem num só lugar, e apareça o chão seco.”

28 Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai-a sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”.

28.Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra; dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra.”

29. Deus disse:” Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente: isso será vosso alimento.”

29. E Deus disse: “ Vejam! Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem

---

[16]As versões usadas no trabalho foram:

(i) A Bíblia de Jerusalém. Nova edição-revista . Ed Paulinas. SP. BR. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais em hebraico, aramaico e grego. 1985.

(ii) Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. Paulus. SP.BR. 1991. Na apresentação desta obra, incluem-se os seguintes comentários: “ Os Editores.

sementes e estão sobre toda a terra, e todas as árvores em que há frutos que dão sementes: tudo isso será alimento para vocês" .

30. "A todas as feras, a todas as aves do céu, a tudo o que rasteja sobre a terra, e que é animado de vida, eu dou como alimento toda a verdura das plantas." E assim se fez.
30 "E para todas as feras, para todas as aves do céu e para todos os seres que rastejam sobre a terra e nos quais há respiração de vida, eu dou a relva como alimento".

2. Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera.
2. No sétimo dia, Deus terminou todo o seu trabalho; e no sétimo dia, ele descansou de todo o seu trabalho.

3. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda sua obra de criação.
3. Deus então abençoou e santificou o sétimo dia, porque foi nesse dia que Deus descansou de todo o seu trabalho como criador.

Para completar esse ponto, pode se lembrar que também aspectos do PB não padrão são encontrados dentro da obra literária. Azevedo (1994, 1995), por exemplo, analisando romances de Érico Veríssimo e Alvaro Cardoso Gomes mostra como ambos os autores utilizam eficazmente a fala não padrão "*para caracterizar personagens, associando-os com grupos regionais, étnicos, ou socioeconômicos lingüisticamente marcados*."(1994) Como o autor observa ainda, não é preciso reproduzir a fala real senão criar uma versão estilizada da mesma, manipulando elementos ortográficos, morfológicos, sintáticos ou lexicais, que produzam uma mimese dialetal suficiente para criar o efeito estilístico desejado.

3.0. *Aspectos sócio-históricos no desenvolvimento do PB*

Voltamo-nos a seguir para aspectos sócio-históricos do PB. A partir de estudos sobre as condições de vida dos escravos africanos e seus descendentes, vou me posicionar a favor da hipótese que reconhece o papel fundamental que os negros desempenharam no desenvolvimento e difusão dos dialetos populares e rurais do PB, em contraponto com o português culto. Mattos e Silva (2001) afirma que os atores principais na formação da variedades do PB são: (i) as variações de ordem diastrática e diatópica do português europeu; (ii) as línguas gerais indígenas; (iii) o português geral brasileiro, do qual teria decorrido o português popular brasileiro, adquirido na oralidade e de forma imperfeita e difundido pelo território nacional pela maciça presença dos negros. Nessa perspectiva não se podem minimizar as precárias condições de aquisição do português por parte desse segmento da nossa população. Como dito anteriormente, essas condições configuram uma situação de contato, causadora de mudanças na experiência lingüística, pois resultam na aprendizagem imperfeita de segunda língua (L2). As questões que envolvem a história do PB constituem, portanto, uma oportunidade única para um novo entendimento a respeito de como as situações de contato podem levar a novas gramáticas[17].

---

[17]A questão do contato não é relevante apenas no entendimento da formação do português popular brasileiro, mas das variedades regionais, como propõe Ataliba (2001) em seu artigo "Para um programa de pesquisas sobre a história social do português de São Paulo", em que busca três objetivos: proposta de história social, implantação e expansão do português europeu em SP e caracterização da variante paulista do PB. Da mesma forma, Groppi (2001) estuda a comunidade paulista do século XVIII e apresenta fatos que levam a pensar em uma possível mudança da situação social e lingüística da comunidade paulistana.

Infelizmente é um consenso entre os historiadores e lingüistas a ausência de uma documentação robusta sobre a fala dos negros nos primeiros séculos. Alkmin (2001) considera de suma importância resgatá-la através da consulta a uma ampla e diversificada bibliografia, englobando dissertações, teses, documentos de historiadores, cronistas, chargistas, e produção literária, inclusive o teatro. Naturalmente sempre existem dificuldades com os dados, em particular, aqueles extraídos das fontes literárias, uma vez que terão que ser avaliados e interpretados como elementos que compõem a criação artística.

Para dar uma contribuição a esse aspecto da pesquisa, busquei nos anúncios de jornais do século XIX as expressões que se referem à fala dos negros.[18] O que se observa pela amostra selecionada é que as expressões usadas pelos que escrevem os anúncios são variadas. E obviamente aparecem nos anúncios sobre escravos fugidos, ao lado de outras características que os descrevem, como raça/nação, aparência física, traje usado no dia da fuga, marcas variadas de identificação, etc., comuns a esse tipo de texto. As expressões que se seguem estão referidas pelo número da página: (i) he muito fallador (22); (ii) falla ligeira (57); (iii)e quando falla parece ter a boca cheia de lingua (57); (iv)de Lingua Geral (77); (v) brando no fallar(85); (vi) fala um tanto grossa (89); (vii) não pronuncia bem-Jesus Cristo, e sim-Zuguisto; (89);(viii)e tem o costume encarar pouco para quem com elle conversa (109); (ix) lê, e escreve mal (120); (x) é de poucas fallas (121);(xi) falla muito macia (121); (xii) muito conversado, e conversa bem (124); (xiii) falla baixo(125);(xiv) falla bem (127); (xv) falla muito bem (127); (xvi) falla macia (128); (xvii) fanhoso no fallar(134); (xviii) falla um pouco compassado e grosso(135); (xix) falla descansada e voz branda (137); (xx) Huma escrava por nome Maria, de nação Angola, que diz ser de Manoel Joaquim(147);(xxi)Outra que não sabe dizer, nem seu nome, nem quem ha seu senhor (147); (xxii) dá as informações seguintes;seu senhor chama-se Pilouto, sua senhora Dona Maria, e que elle vinha de muito longe:diz chama-se Gonsallo.(149);(xxiii) ainda não falla português (355); (xxiiv) porém a pronuncia é meio confusa (362); (xxv) falla manso mostrando humildade(281);(xxvi) Sabe lêr e escrever (281); (xxvii) fala á bahiana (289); (xxviii) falla bem(289); (xxix)Sabe lêr e escrever(290); (xxx) sabe pouco ler (369); (xxxi)carrega no –r (371); (xxxii) falla muito mal (373); (xxxiii) e a falla propria do Paiz (373);(xxxiv) fallando mal (373); (xxxv) falla bem (374); (xxxvi) falla soffrivelmente (375); (xxxvii) sabe ler (377); (xxxviii) e muito poéta no fallar (379); (xxxix) viciozo na falla (379); (xl) Por intérprete apenas pude colher, que ainda não era baptisado (379); (xli) falla muito apressado e gagueja, e algumas vezes custa-lhe soltar a falla, e porisso falla de sopetão e com muita rapidez; (391); (xlii) falla muito bem o allemao (411); (xliii)se diz forro (399); (xliv) falla com sotaque de africano (418); (xlv) falla com voz clara e descansada (419); (xlvi) sabe lêr e escrever (419); (xlvii) falla regularmente e com sotaque provinciano(424); (xlviii)lê e escreve um pouco(424); (xlix) falla pausada (461).
Vejamos alguns trechos dos anúncios:

AVISO.|| Participa-se acharem-se na cadeia desta Villa os| escravos seguintes.|| - Huma escrava por nome Maria, de nação Ango-|la, que diz ser de Manoel Joaquim; Morador no Rio| de Janeiro na rua dos Pescadores.| - Outra que não sabe dizer, nem seu nome, nem| quem ha seu senhor.| O Amigo da Verdade, 07/07/1829.

Hontem pela manhãa se me enviou| um negro do gentio de Guinè, muito boçal, e| trajado à maneira dos que vem em comboi, e se| me dice, foi pegado, vagando como perdido. Por intérprete apenas pude colher, que ainda não era| baptisado, e que saindo a lenhar, se perdeu:– São| Paulo 9 de Abril de 1830. – O Juiz de Paz Sup-|plente da Freguezia da Sè. – José da Silva Mer-|ceanna. O Farol Paulistano, 24 /04/1830.

ANNUNCIOS. || No dia 25 do passado, fugio á Francisco| de Souza Carvalho Junior, hum

[18] Nessa seção, utilizei anúncios coletados nos diferentes estados brasileiros.

seu escravo| crioulo, de nome José, vindo proximamente da| Provincia das Alagoas, terá de idade pouco mais| ou menos 30 annos; he de côr fula, tem falta| de dous dentes na frente do queixo superior; | estatura baixa, he muito fallador, e diz que| he forro: Gazeta Commercial da Bahia, 01/08/1838.

Tendo fugido ao abaixo assignado no dia 1º | do corrente um escravo de nome Antonio Moreira, de| côr parda, baixo, bastante feio, fanhoso no fallar,| e alguma cousa gago, finge-se ou é idiota, esteve mo-|rando na ponte nova á titulo de forro e consta que| para essa parte se dirigio: bom ferrador, e tropeiro;| quem o prender e trouxer ao abaixo assignado n'esta| cidade será gratificado com a quantia de 30$000 réis| Ouro Preto 4 de Setembro de 1860.- José Rodrigues de Meira. O Bem Publico, 10/10/1860.

ANNUNCIOS. || A 16 de julho próximo passado fugio da fasenda dos Paivas,| um escravo de nome José pertencente ao capitão José| Simpliciano.| Seus signaes são estes: nação benguella, estatura| ordinaria, magro, bons dentes, pés ordinarios, côr| fula, fala desembaraçado, trabalha de enxada, e tem| as mãos calejadas, tem uma pequena cicatriz debaixo| do queixo, e começa agora a barbar.| O Bem Publico, 27/08/1860.

Infere-se pela leitura dos anúncios que havia um *continuum* quanto ao domínio da língua portuguesa pelos negros e seus descendentes. Assim, enquanto alguns não falavam português, ou o falavam com sotaque de africano, outros conseguiam se expressar bem. Note-se ainda o fato de que alguns deles tenham aprendido a ler e escrever. Parece que as expressões utilizadas para se referir à fala dos escravos, encontradas nos anúncios, são semelhantes às mencionadas em textos de historiadores, viajantes, lingüistas e estudiosos de várias áreas do conhecimento. De fato, através dessas fontes, sabe-se que, no período colonial, a linguagem dos negros era avaliada pelos que compunham a elite intelectual ou social de forma preconceituosa, e reconhecida por traços distintivos em relação à linguagem dos brancos. Em outras palavras, trata-se de uma reação proveniente do sentimento lingüístico da classe dominante na valorização da variedade de prestígio, tomando-a como ponto de referência.

Para um melhor entendimento do papel da população negra na difusão das variedades dialetais do PB é importante também reconhecer a sua presença nas mais diferentes atividades, desenvolvidas inclusive nos núcleos urbanos em expansão. Nos anúncios dos jornais recupera-se uma gama de ofícios ou profissões exercidas tanto pelos homens como pelas mulheres, jovens e até crianças. As negras aparecem como amas, rendeiras, costureiras, engomadeiras, cozinheiras, doceiras, nos serviços domésticos em geral, numa participação importante na vida doméstica e social das famílias.

A V I S O S. || Vendem-se os tres escravos seguintes: huma cabra lavadeira, hum moleque pro-| prio para qualquer serviço de casa, e com especialidade de mesa, huma neguinha de| oito annos de idade, pouco mais ou menos, e por consequencia habil para qualquer| serviço domestico a que a proponhão; quem os quizer comprar dirija-se a Loja da| Gozeta aonde se lhe dirá quem os vende. ||Idade d'ouro do Brazil, 1821.

Vende-se huma Negra cozinheira de idade de 15 a 16 annos; de bonita figura: quem a pertender procure na Pracinha do Livramento loje de Fazendas D. 27. na mesma Loje tem para vender sapatos Francezes para homem a preso de 560 reis. O Cruzeiro, 11/05 1829.

Vendas|| Huma negra de Nação Angola idade 20 a 21 que sabe cosinhar, e lavar; emgomar, e cozer, e tambem entende de padaria quem a quizer dirija-se a Typographia desta folha

que lhe dirá a vende.O Cruzeiro, 11/05/ 1829.

Vende-se huma Escrava, hum pouco ladina Nação Benguela, boa figura, reprezenta ter 30 annos de idade, sem vício habil para todo o serviço de caza, quem a pertender dirija-se a rua do Vigario caza número 10 segundo andar. O Cruzeiro, 16/05/1829.

ANNUNCIOS. || Vende-se para fora da terra, huma crioula| de 20 annos, boa custureira, borda, abre bara-|fundas, boa rendeira, coze de Alfaiate toda cus-|tura, sabe cosinhar; quem a quizer comprar| procure na rua de João Pereira casa número 10. ||Gazeta Commercial da Bahia, 19/09/1838.

Por sua vez, os homens são carpinteiros, oficiais de alfaiate, padeiros, domésticos, carapinas, chapeleiros, sapateiros pedreiros, campeiros, barbeiros, lavradores, copeiros, canoeiros, lacaios.

Vende-se hum Negro de idade 30 annos, corpolento, sadio, muito trabalhador, e habil para qualquer serviço que o queirão aplicar, com preferencia o de lavoura; quem o pertender dirija-se à Rua da Conceição do Recife, primeiro andar, Caza D. 27. O Cruzeiro, 05/ 05/1829.

Vendas || Dois pretos, um de 15 annos, que serve para todo o trabalho; e outro de 24 annos com officio de cortar carne, a devirtindo que não se vendem por vicios, e são naturaes da Africa. Quem os pertender comprar fale com João Antonio de Miranda, na Praça da Boa-Vista, que dirá quem vende. O Cruzeiro, 07/05/1829.

Quem quizer comprar hum pardo, que te-|rá de idade 19 a 20 annos, sadio, e sem vi-| cios, proprio para lacaio ou bolieiro, tambem| entende alguma cousa de copeiro; nesta Typo-|raphia se dirá a quem se deve fallar. ||Gazeta Commercial da Bahia, 22/02/1836.

VENDAS. || Vende-se para fóra da terra hum moleque| de nação Nagô, de idade de 16 a 18 annos, | s[e]m vicio algum, sabe cosinhar perfeitamente o| diario de huma casa, não tem molestia algu-|ma, antes he muito sadio; Gazeta Commercial da Bahia, 22/02/1836.

Desappareceu á José de Lima Nobre, e| crê se que furtado, no dia 28 do passado hum| Escravo de Nação Nagô, carregador de cadei-|ra, por nome Gaspar... Gazeta Commercial da Bahia, 01/08/1838.

Existe no Arraial de São Joaquim, comarca do|rio Sapucahi, provincia de Minas um crioulo que|diz chamar-se Luiz; terá 30 annos de idade, é official|de sapateiro,baixo, côr fula, tem as pernas finas, e|arqueadas, diz ser desta cidade, e que ali se acha a 20|mezes; gosta de beber agoardente, e é inclinado a ser|ratoneiro; - São Paulo 6 de|junho de 1854.O Constitucional, 13/06/1854.

Assim, conclui-se esta seção com a idéia de que a crescente assimilação dos negros à vida urbana durante o século XIX pode ter contribuído para caracterizar um novo momento do contato lingüístico e um passo adicional na consolidação da língua portuguesa no território nacional. Se isto for verdade, estariam em andamento as mudanças que, nos termos de Lucchesi (2001), vão afetar tanto o PB popular (influência de cima para baixo), como o PB culto (influência de baixo para cima). O autor destaca que, a partir do século XX, os efeitos do contato entre a elite e a plebe acentuam-se em razão do deslocamento da população rural para as cidades. Além disso, o grande alcance dos meios de comunicação, principalmente rádio e televisão, a expansão da escolaridade e o prestígio social crescente

dos imigrantes, embora falantes da variante popular, sem esquecer a invasão do campo pelas grandes companhias e empresas, criam condições para as mudanças que hoje se verificam não só na língua culta, como também no português popular. Como se sabe, é uma situação normal em áreas com variações dialetais que os falantes cultos busquem diminuir ou eliminar os usos considerados populares ou regionais. Entretanto, apesar da força do fator social, os estudos sobre o PB mostram que os falantes cultos empregam na conversação muitas das formas que evitam na escrita, por efeito da imposição prescritiva. Ora, são justamente essas formas que servem de "input" para a criança adquirindo a língua materna. Dizendo de outra maneira, está se tornando um consenso o fato de que as distintas gramáticas do PB estão se reorganizando na fala das pessoas cultas.

Não se pode omitir, porém, a existência ainda nos dias atuais de diferenças lingüísticas importantes no Brasil em função da classe social. Guy (1995) discute esta questão, afirmando que "*se se compara o dialeto padrão culto das classes médias e altas com o dialeto popular da grande massa de falantes de classe trabalhadora e de classe mais baixa em uma única cidade brasileira diferenças importantes no nível fonológico, sintático, e lexical serão encontradas*" (p.227).[19]

Todos os esforços para recuperar em textos diversificados a história do PB nas suas vertentes culta e popular são válidos. No entanto, a investigação diacrônica só poderá ser efetuada dentro de um quadro teórico específico que forneça o aparato metodológico e os conceitos básicos para se lidar com questões clássicas sobre mudança, entre elas a do por que e como as línguas mudam.

4.0. *A mudança sintática no contexto da teoria gramatical*

A mudança sintática pode ser abordada sob diferentes pontos de vista. No quadro teórico da gramática gerativa, o fenômeno é visto numa perspectiva bastante particular, distinta da adotada por teorias que postulam direcionamentos ou forças condicionantes no estudo da história das línguas.

Em primeiro lugar, a linguagem é entendida como uma propriedade mental da espécie humana. Tal pressuposto leva à formulação dos objetivos de pesquisa. Um deles é o de descrever o conhecimento que está representado na mente dos falantes de uma dada língua, o qual lhes permite entender e usar essa língua; outro objetivo é o de explicar como esse conhecimento é adquirido. Assume-se que a criança adquire a competência gramatical em sua língua materna, exposta aos dados lingüísticos que representam o "input" do processo de aquisição. Os falantes nativos adultos de uma língua natural internalizam um conjunto de regras - a gramática de uma língua particular, - capaz de gerar um conjunto infinito de sentenças gramaticais, que caracterizam a competência lingüística. No entanto, vários "experimentos" têm confirmado que a informação gramatical relevante, denominada "dado lingüístico primário" é insuficiente para explicar os detalhes da competência lingüística final que o falante demonstra.

Para resolver o impasse, postula-se que a criança nasce com a capacidade para adquirir a linguagem. A faculdade da linguagem, ou gramática universal, é definida como um conjunto de princípios e parâmetros que atuam sobre os dados lingüísticos primários, e produzem a gramática de uma língua particular. A formulação da gramática universal em termos de princípios e parâmetros permite dar conta da diversidade lingüística e da forma como se adquire a linguagem, apesar da deficiência do estímulo lingüístico. Por sua vez, os

[19]Tradução de Marta Scherre.

parâmetros têm sido definidos como opções em aberto a serem fixados pela experiência.

Desse modo, a gramática núcleo das línguas particulares é o conjunto dos valores paramétricos fixados. O processo de aquisição é sensível ao ambiente lingüístico, uma vez que são os dados lingüísticos que propiciam as informações relevantes para a fixação dos parâmetros. O conhecimento adquirido não está, porém, restrito a essas informações, sendo filtrado e organizado pela gramática universal. E, como essa tem uma estrutura altamente complexa, uma simples variação na fixação de um parâmetro pode ter amplos efeitos na estrutura gramatical de uma língua particular.

Em outras palavras, assume-se uma concepção biológica de gramática, supondo que a mesma se desenvolve no cérebro de cada indivíduo e exerce um papel central no uso lingüístico. A idéia da pobreza do estímulo é fundamental: a experiência lingüística é apenas um elemento ativador da capacidade final alcançada. Naturalmente, a forma como se concebe o estímulo lingüístico é importante para uma teoria da aquisição, ou para o entendimento do que constitui o dado lingüístico primário.[20] Veja que essa concepção particular de gramática é central para uma abordagem da mudança, uma vez que o objeto de estudo são as gramáticas e não as línguas particulares. A língua é um epifenômeno, um conceito derivativo. A gramática, internalizada na mente do falante/ouvinte de uma língua natural, ao contrário, tem um estatuto claro, é um objeto real num mundo real. O lingüista busca descrever, portanto, mudanças nas gramáticas individuais e a forma como tais mudanças se difundem pela população. E, embora experiências distintas possam dar origem a diferentes gramáticas em diferentes indivíduos, elas estão sujeitas aos mesmos princípios, parâmetros e restrições de aprendizagem, comuns à espécie.

Tal concepção de gramática, porém, torna um mistério o fato de as línguas terem história. Por que as línguas mudam? Se o produto da gramática, a Língua-E(xterna), corresponde à gramática interna -Língua-I -, então se espera que as crianças expostas a tal produto acabem convergindo para a mesma gramática dos adultos. Tal modelo caracteriza uma situação de estabilidade lingüística.

No entanto, é dentro desse quadro que se podem situar os trabalhos de Lightfoot (1997,1999). O autor estuda os fenômenos da mudança sintática, relacionando-a a uma teoria da aquisição que associa a experiência lingüística e a gramática representada na mente dos falantes adultos. As mudanças decorrem da inter-relação de fatores acidentais que afetam o “input” e das restrições impostas pela faculdade da linguagem. O individuo pode estar exposto a um experiência lingüística que difere minimamente da de seus pais, por uma série de razões, entre elas: mudanças no componente morfológico da gramática, movimentos de população, contato, inovações da fase adulta em busca de novas expressões, inovações estilísticas, e aumento na freqüência de certas construções em oposição a outras. Todos estes fatores obscurecem as pistas necessárias para a fixação de um parâmetro. O indivíduo pode, então, fixar um parâmetro de forma diferente das pessoas mais velhas, atribuindo diferentes análises a determinadas estruturas que, por sua vez, afetam o ambiente lingüístico e terminam por criar uma reação em cadeia.

Suponhamos, por outro lado, com Kroch (1999), que a mudança lingüística não decorre de mudanças no uso da linguagem, como quer Lightfoot, mas por falhas na transmissão de traços gramaticais. Tais falhas seriam possíveis tanto durante o processo normal de aquisição da linguagem, como no processo de aprendizagem de segunda língua, por parte dos adultos, nas situações de contato lingüístico. Constituem, portanto, falhas de aprendizagem e não de uso, uma vez que não são atestadas inovações dessa natureza nos adultos em situações de transmissão lingüística normais. A diversidade lingüística e o fato de que as línguas mudam com o tempo impõem, portanto, que se reconheçam limites às especificações biológicas e à necessidade de reconhecer quais são esses limites. Do mesmo modo, as situações que afetam o processo normal de aquisição é que nos dizem algo sobre o

---

[20]Lightfoot (1997,1999) tem elaborado várias hipóteses para enfrentar essa questão, propondo um modelo de aquisição no qual a criança é sensível apenas a traços gramaticais evidenciados nas sentenças principais e a pistas específicas que proporcionam evidências não-ambíguas para a fixação dos parâmetros. O autor acredita que os estudos diacrônicos apresentam suporte para a sua teoria de aquisição. Para importantes estudos sobre a aquisição do PB cf. Kato (1991,1994).

componente inato e sobre como a aquisição é determinada. Os estudos históricos constituem, assim, um desafio para as teorias de aquisição ou para a idealização gerativista da aquisição instantânea pelo falante ideal.

No entanto**,** embora se possa considerar que a mudança resulta do fato de que o dado lingüístico primário muda porque as pistas para levar à fixação de certos parâmetros se tornaram menos evidentes, menos robustas ou freqüentes; ou porque houve aquisição imperfeita de segunda língua, "*Our understanding of transmission failures is very limited, because our grasp of the relantioship between the evidence presented to a leaner and the grammar acquired is still imprecise*."(Kroch, 1999: p. 2.)

4.1. *Gramáticas em competição e a difusão da mudança*

A seguir, consideremos que um dos problemas mais sérios no estudo da mudança é o de que elas ocorrem no tempo real. Os estudos quantitativos da mudança sintática que traçam a evolução temporal das formas em variação mostram que o processo é gradual, apresentando um tipo de curva-S nos gráficos. A gramática gerativa interpretou inicialmente a gradação no uso lingüístico como resultado de preferências estilísticas ou efeitos de processamento, independentes da teoria da gramática. Os estudos de caso apresentados por Lightfoot na maioria dos seus textos revelam essa postura. Como se disse acima, para o autor, pode haver um longo período de variação na freqüência de certas formas na Língua-E sem que isto reflita mudança na gramática interna, ou Língua-I. Ou seja, a fala e os textos de um mesmo indivíduo podem variar, sem implicar mudança em sua gramática. Alguns tipos de construções podem se tornar mais freqüentes, por questões de expressividade, mas refletem mudança no uso, não na gramática em si. No entanto, como o autor reconhece, são biologicamente importantes porque afetam a experiência lingüística ou ativadora, e produzem mudança no "input" das gerações seguintes.

Kroch (1989, 1994, 1999) e seus colaboradores, novamente, não concordam com a hipótese de que alterações na freqüência de uma determinada forma não tenham conexão com mudanças na gramática. Ao descreverem o caráter gramatical e o curso no tempo de mudanças sintáticas graduais em várias línguas da Europa, eles verificam que as línguas que sofrem mudanças exibem uma fase de variação que não se manifesta nos sistemas estáveis. A conclusão é que a mudança sintática procede via competição entre opções gramaticalmente incompatíveis que se substituem no uso, manifestando-se gradualmente nos textos. As formas inovadoras tomam o lugar das antigas num processo que pode durar séculos. É importante constatar que, embora a freqüência varie entre os contextos afetados pela mudança, a taxa na qual as formas inovadoras substituem as antigas é a mesma em todos eles. Tal fenômeno, denominado Efeito da Taxa Constante, mostra que a mudança de freqüência no uso das formas lingüísticas, durante o percurso temporal de uma mudança sintática, reflete a tendência dos falantes em escolher uma opção gramatical em detrimento de outra, embora tais escolhas sejam definidas em termos da gramática interna. Além disso, segundo os autores, essas opções não são realizações alternativas de uma mesma gramática, mas envolvem escolhas gramaticais opostas. Por esse motivo, a variação que reflete competição gramatical é sempre instável diacronicamente.

Se as línguas, como observadas nos textos e no seu uso, manifestam gramáticas em competição, o falante vai saber postulá-las somente quando os dados apresentam evidências positivas da competição.[21] Na ausência de tais evidências, o falante vai realizar uma análise unificada dos dados. Partindo do pressuposto de que a mudança sintática está restrita a propriedades lexicais das categorias funcionais, ou seja, a formativos gramaticais, pode-se assumir que a variação sintática é regida pelos mesmos princípios que regem a variação morfológica. Ora, é consensual na literatura recente o fato de que os paradigmas morfológicos não admitem formas duplas, a menos que se diferenciem funcionalmente.

[21] Naturalmente, a proposta cria dificuldades para o lingüista que tem uma nova questão metodológica a ser enfrentada, ou seja: a de saber quando gramáticas em competição devem ser invocadas.

O mesmo se pode dizer da variação sintática.[22] A suposição de Kroch e colaboradores é que as formas duplas ou em variação não são permitidas por um princípio da gramática, denominado Efeito do Bloqueio[23], um tipo de restrição de economia que exclui a coexistência de formas que não sejam funcionalmente diferenciadas. No entanto, como as línguas apresentam formas duplas ferindo um princípio universal, essas só podem estar refletindo competição instável entre opções gramaticais incompatíveis. Mais importante ainda, devem estar revelando que as formas duplas surgem em situações de contato dialetal ou lingüístico e competem no uso até que uma das formas descarta a outra.

Devido à origem sociolingüística, as duas formas aparecem em registros, estilos e dialetos sociais, mas só se tornam estáveis se houver uma diferenciação de significado entre elas. Durante o período da aquisição, as crianças adquirem uma forma ou outra, mas não ambas. Mais tarde, ao serem expostas às formas duplas, podem ouvir e reconhecer a forma em competição, e assimilá-la em sua própria fala e escrita pelo valor sociolingüístico ou pela freqüência com que é produzida no ambiente lingüístico. Com o tempo, porém, as formas duplas tendem a desaparecer. A explicação para a variação nos dados, invoca, portanto, diferenças dialetais e de registro. Dada a forma como os parâmetros são formulados, com valores opostos, na base do sim/não, parece uma conseqüência lógica que a variação represente gramáticas em competição. Kroch inova neste ponto, ao propor que a variação ocorre não só na comunidade, mas nos falantes individuais.

A evidência para sustentar o argumento de que gramáticas em competição e o elemento quantitativo da mudança podem estar localizados no indivíduo vem dos próprios textos. De fato, um mesmo autor apresenta variação no uso de certas formas lingüísticas. Assim, para se caracterizar este tipo de variação é necessário supor nos autores individuais uma *diglossia* como a situação normal durante o período de mudança. A variação no uso está, portanto, relacionada à mudança sintática.

Vejam que a idéia de que os textos escritos revelam gramáticas em competição também é relevante para a interpretação dos dados históricos, uma vez que é preciso descrevê-las. Kroch (1999) afirma que os casos de gramática em competição observados nos textos históricos podem estar refletindo opções estilísticas limitadas à língua escrita. Dada a natureza da escrita, uma das variantes pode pertencer ao vernáculo, adquirido no período da aquisição; a outra a uma variante de prestígio normativo ou literário, adquirida mais tarde ao longo da vida. Isto é suficiente para criar a assimetria. Se a forma inovadora tiver uma vantagem psicolingüística e uma freqüência maior, pode descartar a de prestígio, mesmo nos textos escritos. No entanto a evolução da freqüência encontrada nos textos pode não refletir nenhum mecanismo básico de mudança gramatical, mas a natureza social da competição, baseada em registro. A mudança paramétrica pode já ter ocorrido no vernáculo sem ser detectada pelo investigador, ou seja, o que é acessível ao pesquisador histórico é apenas a competição entre o uso conservador ou de prestígio e o uso vernáculo.

---

[22] Falando estritamente, a mudança sintática é sempre resultante de mudanças nos traços formais dos itens ou palavras funcionais, ou seja, mudança no sistema casual dos nomes e pronomes; mudança no paradigma flexional dos verbos; mudança nos traços das preposições, etc. Do mesmo modo, o fenômeno da gramaticalização é entendido como mudança na natureza das categorias substantivas que, por uma série de reanálises, se tornam itens funcionais com todas as conseqüências sintáticas que geralmente implicam. Em Chomsky (1995) os itens lexicais consistem em feixes de traços distintos: fonológicos, semânticos e formais, entre os quais, traços categoriais, casuais, de número, gênero, etc., tipologicamente classificados como +/- interpretáveis e +/- intrínsecos. Apenas os traços formais têm efeitos na computação, ou seja, são os que podem sofrer variação e mudança.

[23]O Efeito do Bloqueio foi formulado por Aronoff (1976) (apud Kroch,1994).

Portanto, a competição gramatical não tem significação puramente lingüística, mas metodológica na interpretação dos dados históricos. Ou seja, no estudo dos processos da mudança, é preciso entender que os dados históricos mostram a língua em uso.

4.2. *A mudança e o contato lingüístico*

Como se sabe, o contato lingüístico pode levar ao empréstimo, à perda, ou à convergência de traços gramaticais. Pode apresentar efeitos de substrato, quando os adultos adquirem uma segunda língua de forma imperfeita, ou seja, por aprendizagem imperfeita. E se esse uso da segunda língua se torna o dado lingüístico primário para as crianças que convivem com os adultos, o processo de aprendizado de primeira língua pode levar diretamente à adoção da interferência estrangeira na fala nativa da criança. Entretanto, embora o fenômeno do contato seja conceituado nestes termos, a verdade é que, no estágio atual do nosso entendimento, " *We do not have any precise understanding of how or why speakers adopt features from surrounding languages in preference to features of their native language or why certain features of a native language are carried over into an adult learner's second language*."(Kroch, 1999: p. 23)

Muitos casos de mudança lingüística por efeito de contato estão descritos na literatura. Um exemplo disso podem ser as alterações no uso do pronome átono, conhecidas como *leísmo loísmo* e *laísmo*, no espanhol falado em contato com outras línguas, entre elas, o basco, guarani, espanhol equatoriano, espanhol andino.[24]

Os gramáticos e filólogos tradicionais e contemporâneos têm atribuído a causa destas "confusões" no uso dos pronomes a uma tendência interna do castelhano em criar um paradigma dos pronomes átonos baseado nos demonstrativos -este-a-o, estos-as, em que se eliminaram as distinções de caso em favor das de gênero: le-la-lo,los,las. A distinção acusativo/dativo deixaria de ser pertinente nos pronomes de terceira pessoa, num paralelismo com os de primeira e segunda pessoas. Fernández-Ordóñez (2000) afirma, porém, que essa interpretação não é plenamente satisfatória, pois, explicaria apenas uma parte dos dados, sem esclarecer, por exemplo, outros aspectos do *leísmo*, entre eles, a maior difusão e freqüência em retomar objeto diretos pessoais ou animados em comparação com os objetos inanimados: "*Ello tiene su origen en no haber contemplado la posibilidad de que existieran diferencias dialectales entre las distintas áreas confundidoras del mundo hispanohablante y en haber manejado la misma y única hipótesis para todas ellas*.(...) *Al agrupar en el estudio estadístico los ejemplos sin segregarlos según la procedencia de los hablantes de una u otra zona confundidora se distorsionaron los datos. A esta objectión se suma la de que la hipótesis se elaboró partiendo exclusivamente del análisis de la lengua escrita*..."(p. 1322)

Para o autor, portanto, o fenômeno das "confusões pronominais" na formação tanto do sistema padrão da Península, como no das outras regiões em contato com línguas não indo-européias, deve ser entendido não apenas por razões de natureza gramatical, mas por motivos históricos e sociolingüísticos. O autor mostra que o contato do espanhol com essas línguas produziu alterações no comportamento dos clíticos de 3ª pessoa distintas do *leísmo* das áreas que ainda apresentam flexão casual, ou seja, das variedades que não haviam sofrido a influência do contato. As línguas que entraram em contato com o espanhol não pertencem à família indo-européia, não conhecem a categoria gênero, não têm pronomes clíticos e diferem na expressão do número e caso. Dessa forma, as reanálises no emprego dos pronomes, resultantes do contato lingüístico, apresentam semelhanças no espanhol falado nas áreas andinas, em áreas de contato com o guarani, com o basco, nunca em outras variedades. Em tais áreas dialetais teria havido dificuldades em comum para os aprendizes do espanhol.

Outro caso de contato descrito na literatura envolve os dialetos do sul e os dialetos do norte na história do inglês medieval. Esses dialetos apresentam importantes diferenças em aspectos morfológicos, fonológicos e lexicais que, muitos autores, têm atribuído à influência lingüística dos escandinavos que se

[24] Leísmo é a confusão entre dativo e acusativo. Loísmo e laísmo entre acusativo e dativo.

fixaram ao norte da região, a partir do século VIII. Kroch & Taylor (1995) trabalham com uma diferença dialetal de natureza sintática, relacionada à realização da restrição V2[25]. Os autores argumentam que os dialetos do sul e do norte nos períodos antigo e medieval haviam implementado a restrição de forma distinta, revelando gramáticas em competição: uma, V2 obrigatório, outra não-V2. Nesse caso, porém não se trata de um V2 opcional, produzido por uma única gramática, mas de um caso de *diglossia.* Na realidade, o que causa a diferença dialetal de natureza sintática, são mudanças morfológicas no paradigma flexional do inglês, por aprendizado imperfeito dos escandinavos. Os aprendizes do inglês como segunda língua, com um domínio imperfeito da mesma, compõem uma parcela considerável da população do norte e passam a língua "mista" para as gerações posteriores. O sistema flexional do inglês, morfologicamente rico, acaba por ser substituído por outro que perde o traço gramatical de pessoa, influindo na sintaxe V2.

Essas considerações sobre contato são importantes para que se possa entender a realidade lingüística do PB, caracterizada, a meu ver pela coexistência de gramáticas.

Seguindo Kroch, vou assumir que a variação se manifesta não só na comunidade, mas na fala e escrita dos indivíduos, inclusive naqueles que dominam as variantes cultas.

Duarte (2000) faz um estudo das interrogativas-Q no PB, em termos de variação paramétrica na natureza do núcleo funcional para o qual os elementos interrogativos se movem, e conclui que está diante de um fenômeno de variação dialetal, ou seja, de coexistência de três diferentes gramáticas.[26] A primeira, característica dos falantes cultos, a segunda, característica dos falantes das áreas rurais, principalmente nordestinos, e a terceira, característica dos falantes não cultos, com pais ou avós falantes de dialetos rurais. Em relação à gramática dos falantes cultos, por exemplo, a autora observa que, embora fixe os mesmos parâmetros do PE em relação à natureza da categoria funcional C, apresenta um estágio avançado na perda da inversão sujeito-verbo, ou seja, da ordem Q-VS. Assim, enquanto no PE não é permitida a construção *o que a Maria comprou*?, no PB a ordem é gramatical. A ordem Q-SV é possível no PE na presença da expressão "é que", resultando *o que é que a Maria comprou*?, também produtiva no PB. [27]

A mesma perspectiva permite-nos considerar como manifestação de gramáticas em competição outras variações que se observam na fala culta dos brasileiros. Uma delas, a variação lhe/lhes vs a ele/a ela nos contextos dativos. Outra, a variação no emprego da preposição a e para na introdução dos objetos indiretos com verbos de movimento. Considerando que o efeito do bloqueio não é uma tendência, mas um princípio da faculdade da linguagem que proíbe formas duplas que não sejam semanticamente diferenciadas, a explicação para a presença das mesmas no PB culto é de natureza sociolingüística.

Tomando ainda como exemplo de variação no PB o uso dos pronomes tônicos ele/ela/eles/elas vs. pronomes átonos o/a/os/as nos contextos acusativos, é possível afirmar que, enquanto a gramática dos pronomes tônicos, como objeto direto, foi adquirida na infância, a gramática com clíticos parece ter sido assimilada no ensino formal, o que explica o fato de ambas aparecerem em registros diferentes, estilos e dialetos sociais. Esse tipo de variação não ocorre no PE. Oportunamente, vale lembrar, embora de forma bastante simplificada, os resultados de Correa (1991). A autora mostra que, na escrita universitária, o uso acusativo dos pronomes tônicos de 3ª pessoa praticamente desaparecem, os clíticos alcançando um percentual de 85%. Na fala, porém, a recuperação dos clíticos alcança um

---

[25] As línguas germânicas modernas, com exceção do inglês, apresentam a restrição V2, ou seja, o verbo flexionado ocupa obrigatoriamente a segunda posição, após o constituinte inicial, nas sentenças principais.

[26] Benincà (1989) argumenta que os dialetos são objetos lingüísticos mais " naturais " menos expostos aos processos de padronização ou outros tipos de correções em seu desenvolvimento natural e podem ser definidos dentro de limitações paramétricas, caracterizando as distinções tipológicas.

[27] Lobato(2000), estuda as interrogativas -qu, reconhecendo as diferenças entre o PB coloquial e o PE. Cf. também Mioto (1999)

percentual de apenas 10%.[28] Tais resultados podem ser significativos, por mostrarem que não só *"A criança iletrada, com pais incapazes ou sem tempo de fornecer o "input" da língua escrita, enfrenta, na escola, uma situação de aprendizagem de uma gramática estrangeira,*" (Kato,1994: p.1), como o mesmo deve estar ocorrendo com os que provêm de ambientes cultos.

Em outras palavras, o fato de os clíticos de terceira pessoa serem adquiridos na escola, afetando a escrita, mas não com tanta eficiência a fala, evidencia que os falantes cultos do PB adquiriram gramáticas com estatuto sociolingüístico distinto: a primeira nativa, a segunda aprendida como segunda língua na escola. *"Over time, however, as dialects and registers level out through prolonged contact, the doublets tend to disappear.*"(Kroch, 1994: p.6) Ora se assumimos que a competição entre gramáticas é a situação normal durante o período de mudança, é lícito interpretar a coexistência de gramáticas que se manifesta nos falantes cultos como reveladora de mudanças em andamento. A variação no uso pelos indivíduos está relacionada à mudança sintática. E, se a comunidade fixa valores antagônicos de um dado parâmetro, cada falante vai aprender ambos os valores, levando a novos desafios na formulação de uma teoria da aquisição da linguagem.[29]

Feitas tais considerações, gostaria de concluir o artigo, esperando ter alcançado, ao menos minimamente, os objetivos propostos. Principalmente, espero ter sido convincente a respeito da necessidade de se considerar as hipóteses do contato lingüístico e das gramáticas em competição no estudo da história do PB. Acredito que ambas estão intimamente relacionadas e podem representar um instrumento eficiente para um maior entendimento das variações dialetais do PB. As circunstâncias de natureza geográfica, econômica e social em que se deram a implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil revelam uma aquisição do português como segunda língua nos primeiros séculos da colonização, levando a mudanças nos dados lingüísticos que servem como "input" para as novas gerações que o adquirem como língua materna. O processo de transmissão do PB foi irregular, realizado quase que exclusivamente na oralidade. O resultado é que os falantes do português popular (e rural) fixam parâmetros distintos daqueles da língua culta, produzindo novas gramáticas. A competição tem uma origem sociolingüística, resultante de um longo processo histórico de contato lingüístico entre a população que teve acesso à variante culta e a população que adquiriu o português na oralidade.

Da mesma forma considerei a hipótese de que a competição entre gramáticas pode caracterizar igualmente a competência lingüística dos falantes cultos.

A teoria gramatical e a hipótese de gramáticas em competição são importantes para se entender não só as mudanças e a forma como elas se manifestam nos dados, mas também as diferenças dialetais. As variedades do português são, assim, definidas dentro dos limites impostos pela faculdade da linguagem e não como desvios a partir de uma norma padrão.

5.0. *Bibliografia*

ALKMIM.T. (2001) "A variedade lingüística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil". In: MATTOS E SILVA. R.V. (org) *Para a história do*

---

[28] É interessante ressaltar nos resultados de Correa que, nos extremos da escala - analfabetos e universitários- a percentagem de objetos nulos é, respectivamente, de 66,6% e 67.8%, confirmando que esta é a estratégia preferida para realizar o objeto acusativo no PB. Cf. também Duarte (1986).

[29] Para uma reflexão sobre a aplicação do modelo das gramáticas em competição de Kroch na história sociolingüística do Sul, cf. Oliveira (2001).

português brasileiro. *Primeiros Estudos*. Vol II. Tomo II. SP. Ed. Humanitas. pp 317-335.

ÂMBAR, M. (1992) *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português.* Edições Colibri. Lisboa.

AZEVEDO, M. (1994) "Linguajares híbridos em dois romances de Érico Veríssimo." *Revista de crítica literária latinoamericana*. Ano XX. No 40. Lima-Berkeley. pp 337-343.

AZEVEDO, M. (1995) "Vernacular speach as a social marker in Alvaro Cardoso Gomes'O Sonho da Terra."In: MILLERET, M. & MARSHALL, C.E. (eds.) *Homenagem a Alexandrino Severino: Essays on the Portuguese world.* Host Publications, Inc. Austin, Texas.pp 99-113.

BRAGA, M.L. (1992) "Tópico e ordem vocabular."In: MACEDO, D. P. & KOIKE, D. A. (eds.) Romance Linguistics. The Portuguese context. USA. Ed. B&G. pp 107-120.

BARBOSA, P.(1995) "Clitic placement in european Portuguese and the position of subjects". In: Halpern & Zwicky (eds). *Approaching second position clitics and related Phenomena*.CSLI Publications.

BENINCÀ, P. (1995) "Complement clitics in medieval portuguese and the Tobler-Mussafia law". In: BATTYE & ROBERTS (eds.) *Language change and verbal systems*. Oxford University Press. Oxford. pp 325-344.

BENINCÀ, P.(ed.)(1989) *Dialect Variation and the theory of grammar.* Foris Publications pp 1-8.

CAMARA JR.(1975) *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Padrão. Livraria Editora Ltda.

CASTILHO, A. (2001) Para um programa de pesquisas sobre a história social do português de São Paulo. In: . MATTOS E SILVA. R.V. (org). *Para a história do português brasileiro*Vol. II: Primeiros Estudos. Tomo II. SP. Ed. Humanitas. pp 317-335.

CHOMSKY, N. (1986) *The knowledge of language*. New York: Praeger.

CHOMSKY, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge Massachussets: MIT, Press.

CYRINO, S. M. L. (1993) "Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos". In: ROBERTS & KATO (orgs.). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Editora da UNICAMP, Campinas. pp163-175.

COSTA, J. (1998) "Positions for subjects in European Portuguese." In: AGBAYANI, B. & TANG, S-K. *The proceedings of the fifteen West Coast conference on formal linguistics.* Stanford Linguistics Association. pp 49-62.

DUARTE, M. I. (1987) "A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre o movimento."Dissertação de Doutorado. Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa.

DUARTE. M. I.(1997) "A Topicalização em Português Europeu: uma análise comparativa."Apresentado no Congresso Internacional sobre o Português. Lisboa. ms.

DUARTE. M. I.(2000) "Português europeu e português brasileiro. 500 nos depois, a sintaxe."Congresso Internacional *500 anos de língua portuguesa no Brasil*. Universidade de Évora. ms.

DUARTE, M. E. L. (1986) "Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no portuguÊs do Brasil." PUCSP: Dissertação de Mestrado. ms.

DUARTE, M. E. L. (1995) "A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro. " Tese de Doutorado. UNICAMP.

FIGUEIREDO SILVA, M.C. (1996) La position sujet em Portuguais Brésilien (dans les frases finies et infinitives) Tese de Doutorado Université de Genève. ms.

GALVES, C. (1993) “O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. In: ROBERTS & KATO (orgs), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Editora da UNICAMP, Campinas pp 387-408.

GALVES, C. (1997) “La syntaxe pronominale du portuguais brésilien et la typologie des pronoms.” In Zribi-Hertz, A. (ed) *Les Pronoms*. Partis Presses Universitaires de France. pp11-34

GALVES, C. (1998) “A gramática do português brasileiro”. In: *Línguas. Instrumentos Lingüísticos.* Pontes. pp 79-93.

GUEDES, M & BERLINCK, R.(2000) *E os preços eram commodos.... Anúncios de jornais brasileiros século XIX*. São Paulo, Ed Humanitas.

GROPPI, M. (2001) “Problemas e perspectivas para um estudo da situação lingüística de São Paulo no século XVIII .”In: MATTOS E SILVA. R.V. (org) *Para a história do português brasileiro*. *Primeiros Estudos*. Vol II. Tomo II. SP. Ed. Humanitas. pp 371-389.

GUY, G. R. (1995) *“On the nature and origins of popular Barazilian Portuguese”* In: Estudos sobre Espanhol de América y Linguistica Afroamericana . Bogotá. pp 226-244.

ILARI, R. et alii. (1996) “Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: Ataliba de Castilho e Margarida Basílio (orgs.) *Gramática do português falado. Estudos Descritivos.* Vol IV. pp 79-168

KATO, M. (1991b) “A theory of null objects and the development of a Brazilian child grammar.” ms.

KATO, M. (1994) “Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança sintática.”Congresso Internacional sobre o Português. Lisboa. ms.

KROCH, A. (1989) “Reflexes of grammar in patterns of language change.”*Language Variation and change.* No1. pp 199-244.

KROCH, A. (1994) “Morphosyntactic variation.” University oh Pennsylvania. ms.

KROCH, A. (1999) Syntactic change. University ou Pennsylvania. ms.

KROCH, A. & TAYLOR, A. (1995) “The syntax of verb movement in Middle English: dialect variation and language contact.”. University of Pennsylvania.ms.

LIGHTFOOT, D. (1997) ”Catastrofic change and learning theory” In: *Língua* 100. pp 171-192.

LIGHTFOOT, D.(1999) *The development of language. Acquisition, change, and evolution*. Blackwell Publishers.

LUCHESI, D. (2001) ”As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000).”In*: D.E.L.T.A.* Vol 17. No 1. SP pp 97-130

MARTINS, A. M. (1994) “Clíticos na história do português.”Dissertação de Doutorado. Universidade de Lisboa. Lisboa.

MARTINS, A. M. (1995)” Gabriel Garcia Márquez. Cien años de soledad. Madrid : Espasa-Calpe, 1985. (8[a] ed)” ms.

MATTOS E SILVA. R.V. (2001) De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA. R.V. (org). *Para a história do português brasileiro*: *Primeiros Estudos*. Vol II Tomo II. SP. Ed. Humanitas pp.275-301

MIOTO, C. (1999) “O lugar da interpretação semântica na sintaxe: CP no PB.” UFCS. ms.

NEGRÃO, E.V. (1999) “O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso.” Tese de Livre-Docência. USP.

NUNES, J.M. (1990) “O famigerado se.” Tese de Mestrado. Campinas. Unicamp. ms.

PAGOTTO, E. G. (1993) “Clíticos, mudança e seleção natural.” In: ROBERTS & KATO

(orgs). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Editora da UNICAMP, Campinas. pp185-206.
PESSOA, M.(2001)"Oralidade concepcional na imprensa do Recife no século XIX." In: \ MATTOS E SILVA. R.V. (org). *Para a história do português brasileiro. Primeiros Estudos*. Vol II . Tomo I. SP. Ed. Humanitas. pp 25-38.
PINTO, E.(1986) *A Língua Escrita no Brasil.* Série Fundamentos. São Paulo. Ed. Ática.
FERNANDEZ-ORDÓÑEZ, I (1999) "Leísmo, laísmo e loísmo." In: BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (dir.) (3 vol.) *Gramática Descritpiva de la Lengua Española*. Madrid. Espasa-CALPE. Cap.21 pp 1318-1397.
OLIVEIRA,G.M. (2001) "Matrizes da língua portuguesa no Brasil meridional 1680-1830." In: MATTOS E SILVA. R.V. (org).*Para a história do português brasileiro. Primeiros Estudos*. Vol II . Tomo II. SP. Ed. Humanitas. pp 391-399.
PONTES, E.(1987) *O Tópico no português do Brasil*. Campinas. SP Pontes.
RAPOSO, E. (1994) "Construções com se, operadores afectivos e posicionamento dos clíticos em português europeu."UCSB. ms
RAPOSO , E.(1996) "Towards a unification of topic constructions ." UCSB. ms.
RAPOSO, E.(1998a) "Definite/zero alternations in portuguese." UCSB. ms.
RAPOSO, E.(1998b) "Some observations on the pronominal system of portuguese. *Catalan Working Papers in Linguistics*. No 6. pp 59-93.
RIBEIRO, I. (1995a)" Evidence for a verb-second phase in old Portuguese." In: Battye & Roberts (eds), *Clause Structure and Language Change.* Oxford University Press, Oxford, pp 110-139
RIZZI, L.(1995) "The fine structure of the left periphery". University of Geneve. ms.
SAID ALI, M. (1967) *Dificuldades da língua portuguesa*. *Estudos e observações*. R.J. Livraria Acadêmica.
SALVI, G. (1990) "La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti \ occidentalidella Peninsola Iberica." *Medioevo Romanzo*, 15: 117-210.
SCHWARCZ, L.M (1987) *Retrato em preto e branco. Jornais, escravos, e cidadãos em São Paulo no final do século XI X*. São Paulo. SP. Companhia das Letras.
TORRES-MORAIS. M.A. (1995) "Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo da cliticização e movimento do verbo."Tese de Doutorado. UNICAMP ms.
VASCO, S. L. (1999) "Construções de tópico no português. As falas brasileira e portuguesa." Tese de Mestrado. UFRJ. ms.
ZUBIZARRETA, M.L. " Word order, prosody and focus." USC. ms.

.